

# ARABISMOS NA LÍNGUA E NA CULTURA DO BRASIL

Samantha de Moura Maranhão

## A CONTRIBUIÇÃO ÉTNICO-CULTURAL PORTUGUESA, AFRO-MUÇULMANA E SÍRIO-LIBANESA

De acordo com El-Moor (2011, p. 2), a presença arábico-islâmica na Península Ibérica medieval permeou a cultura portuguesa de marcas que facilitaram a assimilação de imigrantes sírio-libaneses no Brasil, quando da sua chegada, a partir de 1860.

Ao se fixarem em um país fortemente influenciado pela cultura ibérica – e, conseqüentemente, moura, (...) tais imigrantes não somente reconheceram traços de sua própria cultura em nossa sociedade, como também não foram tratados como completos estranhos. Em outras palavras, a presença árabe no Brasil antecedeu a chegada dos próprios imigrantes e, possivelmente, contribuiu para evitar um choque cultural quando da sua chegada (EL-MOOR, 2011, p. 2).

Com efeito, Freyre (2006, p. 285-304), na obra *Casa Grande e Senzala*, aborda tanto a vinda de descendentes de mouros e de moçárabes para o Brasil, nos séculos XVI-XVII, como as profissões por eles exercidas – e pelas quais eram respeitados –, além da fisionomia mourisca de habitantes do interior da capitania de São Paulo, nos primórdios do século XIX.

O próprio cultivo da cana-de-açúcar, que viabilizou o desenvolvimento econômico nos primeiros tempos do Brasil Colônia, havia sido introduzido na Península Ibérica pelos muçulmanos.

No dizer de Freyre (2006, p. 289):

E não só o algodão, o bicho-da-seda e a laranjeira introduziram os árabes e mouros na Península: desenvolveram a cultura da cana-de-açúcar que, transportada depois da ilha da Madeira para o Brasil, condicionaria o desenvolvimento econômico e social da colônia portuguesa na América, dando-lhe organização agrária e possibilidades de permanência e fixidez. O mouro forneceu ao colonizador do Brasil os elementos técnicos de produção e utilização econômica da cana.

Segundo Freyre (2006, p. 296), “Para o Brasil é provável que tenham vindo, entre os primeiros povoadores, numerosos indivíduos de origem moura e moçárabes, junto com cristãos-novos e portugueses velhos.” Ainda de acordo com Freyre (2006, p. 298), para cá teriam ocorrido carpinteiros, ferreiros, alfaiates, sapateiros, açougueiros, pedreiros, fabricantes de cal, os quais constituíram boa parte da sociedade paulista.

Aqui, os descendentes dos moçárabes teriam repetido o papel, exercido por seus antepassados, de intermediários na transmissão de referentes médio-orientais ao Ocidente. Ainda de acordo com Freyre (2006, p. 298), “Através desse elemento moçárabe é que tantos traços de cultura moura e mourisca se transmitiram ao Brasil. Traços de cultura moral e material.”

Integram costumes orientais transmitidos, conforme Freyre (2006, p. 299-301): o ideal da mulher gorda e bonita, vigente no Brasil nos períodos colonial e imperial; a recitação em coro de lições de tabuada e de soletração por nossos estudantes; o uso de mantilha pelas mulheres, na ida à igreja; o uso de tapetes e esteiras nas casas e igrejas; o emprego de azulejos, chafarizes, a janela quadriculada ou em xadrez, o abalcoado; cuidados com a higiene, como os banhos, as casas caiadas, dentre outros.

Com efeito, traços da arquitetura árabe se encontram em diversas construções do centro da capital piauiense, Teresina, como resultado da herança cultural do colonizador lusitano e do Ecletismo do século XIX e primórdios do XX: abóbada, arabesco, arco, azulejo, balaustrada, balcão, cúpula, gelosia, pátio interno e torre (DINIZ E CADDAAH, 2005, p. 34, 35, 37).

Sobre a herança do colonizador influenciado pela cultura islâmica mult centenária na Península Ibérica, informam Diniz e Caddah (2005, p. 37):

Observamos que a presença desses elementos se dá, principalmente, no centro da cidade, onde temos uma maior concentração de edifícios ecléticos, mas que também podem ser encontrados em residências à avenida Presidente Kennedy, Jóquei Clube e outras regiões de ocupação bem mais recente, mostrando que alguns dos elementos fazem parte da herança cultural portuguesa e já estão de tal forma enraizados à arquitetura brasileira, que é praticamente impossível determinar quando começaram a ser utilizados em construções em Teresina.

Ainda de acordo com Diniz e Caddah (2005, p. 35),

Os imigrantes sírios, quando construíam seus edifícios, não imprimiam a eles uma feição árabe, talvez pela perda do vínculo com o mundo islâmico ou pelo forte desejo de integração à sociedade teresinense, frustrando, assim, a hipótese de que eles trouxeram forte contribuição arquitetônica de seu país de origem. No entanto, quando observamos os imóveis que foram comprados, e não construídos por famílias sírias, encontramos características e elementos de influência árabe. A que se deve essa ‘coincidência’? É provável que, mesmo inconscientemente, eles tenham se identificado com aquela imagem, que tenham de alguma forma reconhecido suas raízes. Além disso, o estilo predominante nas edificações de Teresina neste período é o Ecletismo, que estimula o gosto e a utilização de elementos de diversas origens, inclusive árabe.

Na introdução da obra *Mouros, Franceses e Judeus: três presenças no Brasil*, Câmara Cascudo (2001, p. 13) informa que essa herança se deu simultaneamente por intermédio do colonizador e do escravo oeste-africano:

Mouros e judeus não foram deparados em livros mas na vivência de usos-e-costumes brasileiros, mesmo nos sertões do oeste norte-rio-grandense onde vivi, menino pondo-se rapaz. Como não se sabe até onde corre o sangue dos Mouros e Judeus nas veias conterrâneas, era uma surpresa encontrar nos cimélios sapientes a denúncia da autenticidade presencial do Oriente em gestos e hábitos nas regiões de pedra e sol: - o tabu do sangue, repugnância às carnes dos animais encontrados mortos, balançar o corpo na oração, a bênção com a mão na cabeça, o horror da blasfêmia, respeito ao cadáver e aos objetos de uso pessoal do defunto, pavor aos mistérios da Noite, da Lua Nova, das Estrelas Cadentes, do Relâmpago, o Trovão, voz de Deus irado, às perfídias do Anjo Mau... Criei-me temendo as Sombras, Águas paradas, torvelinho de folhas secas, Aleijados de nascença, Velhos de barba longa, homem de fala fina. Orientalismo diluído no leite materno e das amas-pretas, acalentadoras das minhas impaciências infantis (CÂMARA CASCUDO, 2001, p. 13).

Dentre os hábitos brasileiros creditados por Câmara Cascudo (2001, p. 22-26) à herança árabe, intermediada pelo colonizador, figuram o transporte por meio de liteiras e de cadeirinhas; o amor aos cavalos; a técnica feminina de “montar de lado”; o tirar a sorte por meio de varetas, perdendo quem retirar a mais curta; a reclusão feminina, resguardada da presença masculina alheia à família; o aboio, no nordeste brasileiro; a doçaria a base de ovos, farinha e açúcar; as frutas secas, cristalizadas; o cuscuz, o arroz-doce; as portas no interior das residências; o uso de roupas longas, esvoaçantes; o uso de alpargatas, de leques e guarda-sóis; maquiagem nas sobrancelhas e olhos; unhas longas, esmaltadas.

E, ainda, a linguagem por meio de acenos, como o chamar alguém movendo os dedos para cima ou a vaga indicação, ao apontar uma direção, com o queixo erguido e os lábios estendidos; a despedida, acenando com o braço direito inteiro, eventualmente com ambos os braços; entortar a boca em sinal de reprovação; morder os dedos em sinal de raiva; a humilhação com a surra de chinela; rogar pragas. As inimizades entre famílias, que se estendem por gerações, no nordeste. Beijar a própria mão, em sinal de respeito a outrem; a credence pré-islâmica de entrar e sair por portas diferentes, nas casas (CASCUDO, 2001, p. 28-36).

## CONTRIBUIÇÃO NA MÚSICA

Na música, afirma Câmara Cascudo (2001, p. 34): “Com ouvidos competentes e documentação idônea verificar-se-á um dia a percentagem sensível da música oriental, notadamente moura, na música popular brasileira”. Caracteriza o autor essa contribuição com a voz aguda, anasalada, “fanhosa”; o canto monótono, lastimoso; a ausência do contracanto, em favor do canto uníssono. Aponta, dentre outras contribuições, o uso do adufe (pandeiro) e do tamborim. Entretanto, faz incidir esta contribuição maior no modo de cantar mais do

que na “inspiração” em si, numa tradição que se perpetua sobretudo nos sertões nordestinos (CÂMARA CASCUDO, 2001, p. 27, 35, 36).

Segundo Câmara Cascudo (2001, p. 36),

Nos sertões propriamente ditos, de raras e difíceis comunicações com a orla do Atlântico, onde milhões de habitantes viveram e morreram sem ver o mar e sem movimentos de renovação temática, o processo de entoar, os timbres, a visão dos compassos, a impoção vocal, resistiram séculos, até que as rodovias, de 1915 em diante, iniciassem o final do isolamento, despejando, tumultuosa e inopinadamente, as sugestões modificadoras de feição irresistível.

Já Soler (1995, p. 17-18, 19), em obra cujo título sintetiza o seu pensamento, *Origens Árabes do Folclore do Sertão Brasileiro*, vê na tradição árabe as raízes dos nossos cantadores sertanejos e dos nossos *tocadores de rabeca* ou *rabequeiros*.

O improvisado seria uma habilidade inata dos beduínos (SOLER, 1995, p. 20, 21, 26), viajando para o Ocidente em manifestações similares que priorizam a forma, isto é, a rima e o metro, em detrimento da própria coerência da cantoria, com vistas a proporcionar diversão ao público.

Na Península Ibérica se desenvolveria uma poetização de circunstância, de louvação, geralmente repentizada, com desafios, réplicas, narrativas, caracterizada pelo canto acompanhado de pelo menos um instrumento, posteriormente trazida para o Brasil (SOLER, 1995, p. 33, 35, 37).

Reiterando quanto já dissera Câmara Cascudo, transplantada para o Brasil, é no sertão brasileiro que se preserva essa poesia. Segundo Soler (1995, p. 94-95):

(...) aqui chegando, mais nada passaria a absorver da irrequieta evolução estilística da Europa. Nem de Portugal, em particular, onde do Séc. XVII em diante, nos ambientes da corte e nos palácios, somente se dança; não se encontrando, nos documentos lusos da época, qualquer nova referência a atividades musicais ligadas à poesia ou à canção popular. A tradição dos versos semi-recitados ou cantados, de origem arábico-ibérica, tinha-se perdido completamente, nos meios cultos de Portugal. E nos meios populares, sofria as transformações provocadas por sucessivas ondas e modas inovadoras.

Pulsava agora, porém, inteira e atuante, em terras longínquas, quase esquecidas, preservada pela sua áspera geografia, no seio das comunidades rudes e cordiais do sertão brasileiro nordestino.

Em seguida, Soler (1995, p. 97-112) pormenoriza características propriamente musicais que verifica na tradição poética sertaneja, apontando-lhes as origens médio-orientais intermediadas pelo colonizador ibérico. Apresenta diferenças entre a música cristã e a muçulmana, aponta origem estrangeira de tradições populares europeias, sistematiza os elementos raciais, árabes, subjacentes à tradição nordestina e descreve os instrumentos através dos quais se expressa.

E encerra (SOLER, 1995, p. 116):

Contexto encantado, à margem do tempo, que explica a garrida vitalidade destas figuras lendárias, em relação aos nossos padrões atuais de comunicação artística, que são os violeiros, os rabequeiros, os repentistas e os poetas do sertão, em geral, arautos de um passado que neles, de alguma maneira e legitimamente, é presente ainda, continuadores de uma das manifestações mais esplêndidas que caracterizaram a cultura arábica em seus tempos de máximo esplendor.

## CONTRIBUIÇÃO LINGUÍSTICA

Já no que respeita à língua, Câmara Cascudo (2001, P. 28-38) cita o hábito de rogar pragas, mas também “decalques” de expressões islâmicas, como “sabe Deus”/”só Deus sabe”; o vocativo “homem de Deus”/”criatura de Deus”/”Filho de Deus”; as invocações divinas “pela graça de Deus”/”pelo poder de Deus”/”a Deus querer”.

E ainda,

Mouras legítimas são as exclamativas de desesperação e desabafo, vulgaríssimas entre nós, ARRA! ARRE! IRRA! E a interjeição RAA, com que os nossos comboieiros e tangedores fazem deter e movimentar-se a fila de alimárias nas estradas de tráfico, é a mesma que ocorre na voz dos cameleiros em toda a orla marítima d’África do Mediterrâneo, e pelo mundo árabe da Ásia. (CÂMARA CASCUDO, 2001, p. 28-29)

Ao que segue,

Não está dicionarizado o popularíssimo RALÁ ou ALÁ, de desprezo, abandono, conformação. Não valendo absolutamente o vá lá, mas constituindo positiva invocação divina, ALÁ, “boto para Deus”, “entrego a Deus”, “faça-se a vontade de Deus!”, é inseparável do vocabulário tradicional e dou meu testemunho do seu emprego contemporâneo e normal. Denuncia-se pela guturalização do R. (CÂMARA CASCUDO, 2001, p. 29)

Sobre a evolução dos arabismos ibéricos no português brasileiro, podemos constatar, em pesquisa de iniciação científica desenvolvida na Universidade Federal do Piauí (SOUSA E MARANHÃO, 2016, p. 18-19), a expansão semântica, com a aquisição de novos significados, frequentemente gíricos ou jocosos.

Esses arabismos herdados do português quinhentista adquirem novos usos. No Brasil, surgem formas nas classes dos adjetivos (*almofadinha, alvoroçado, azarado, bairrista, papagaiado, tarimbado*) e dos verbos (*alcaguetar, calibrar, mascarar, matracolejar, xaropear*), pouco representativas dentre os empréstimos medievais do português europeu, notadamente constituídos de substantivos monossêmicos.

A sua integração ao sistema lexical português é evidenciada pela derivação, com a disponibilidade do semantema para novas formações lexicais (*algodoim, cuscuzeiro, garrafada, matracolejar*).

Esses brasileirismos pautados em arabismos ibéricos nomeiam, em formas compostas, a fauna (*papagaio-do-mangue*) e a flora sul-americanas (*laranja-da-Bahia*, *açafrão-da-terra*), bem como costumes e práticas regionais (*alqueire-do-Norte*, *tambor-de-Mina*).

Além disso, há expressões idiomáticas, como *suar feito um cuscuz*, *conversar com a garrafa*, *veículo zero-quilômetro* etc., ilustrando que uma língua viva está em constante evolução, de modo a corresponder às necessidades comunicativas dos seus usuários. E, obviamente, que muitos arabismos ibéricos medievais continuam vivos na variedade americana da língua portuguesa, designando referentes locais.

Convidamos o leitor a identificar, no texto a seguir, 32 arabismos, todos de antiga integração na língua portuguesa e, portanto, com significado conhecido.

### UMA MESA BEM BRASILEIRA

Em uma casa de engenho nordestina, o calor causticante que incidia sobre a região apenas aivava a fome dos convivas, que, de pronto, saltaram do sofá e das almofadas dispostas sobre o tapete para a mesa, na qual fariam fausta refeição.

Dona Maria, desembaraçada por décadas de experiência nos gostos dos presentes e com extraordinário conhecimento da culinária local, serviu-lhes uma leve salada de alface, alface, berinjela, cenoura e espinafre, temperada com sal e azeite, cujo sabor era enriquecido por graúdas azeitonas verdes e pretas. Nada mesquinha, fartou os adultos com peixe a escabeche e arroz temperado com gengibre, buscados a garfadas.

Alegrou, ainda, as crianças com almôndegas, as quais serviam de olhos para os rostinhos que os pequenos formavam em seus pratos, com a comida que lhes era servida.

Para refrescar os animados convivas, sumos de diferentes frutas: laranja, limão e tamarindo, bebidos em enormes taças a largos goles. Suas jarras eram quase ferozmente disputadas por todos! Sorvetes deliciosos! Doces à base de ovos, açúcar e farinha, seguidos de forte e perfumado café, disponibilizado em enorme garrafa térmica azul, encerravam a refeição que a todos reenergizava.

Redes estendidas no alpendre aconchegaram os convivas para uma sessão de conversa que lhes afagaria a alma e, para os mais corajosos, partidas de xadrez para exercitar-lhes a mente. Uma das senhoras aproveitou a agradável companhia dos demais para recamar seu bordado. Oxalá se repita esta doce cena infinitas vezes!

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A duradoura presença arábico-islâmica na Península Ibérica, na Idade Média, levou à assimilação de traços culturais e linguísticos pelos colonizadores que viriam a aportar no Brasil.

Este estudo esboçou, assim, o percurso de tradições brasileiras que remontam ao Oriente Médio, numa trajetória que passa pela Europa, notadamente no que concerne à língua, como os arabismos ibéricos para aqui transplantados e a sua aclimação às “cousas” do Brasil pelo português brasileiro, com a aquisição de novos significados, com as formações híbridas, em

que o português e o árabe se unem em novas formações vocabulares, compostas e derivadas, bem como a integração de arabismos em expressões idiomáticas, com vistas à designação da realidade brasileira e do caráter espirituoso do nosso povo.

Apontou a presença arábico-islâmica em numerosas áreas, como a arquitetura, o vestuário, a culinária, a música, além de aspectos antropológicos, a exemplo da reclusão das mulheres e da comunicação gestual.

Enfim, que esta breve exposição ilustre a constante interação verificada entre os povos, com a transmissão natural de saberes e de elementos culturais, que mutuamente se transformam, sem, entretanto, desfigurarem-se a ponto de perderem a sua identidade.

Fato é que o Brasil integra a *Romania Arabica* de modo irrefutável, cabendo investigações acerca de como isso se traduz, cultural e linguisticamente, considerando contextos sócio-históricos mais recentes de contato, quais a presença de afro-muçulmanos entre os escravos e a imigração árabe em curso desde a segunda metade do século XIX, com a chegada, mais recentemente, de imigrantes majoritariamente muçulmanos.

## REFERÊNCIAS

- CÂMARA CASCUDO, L. da. *Mouros, franceses e judeus: três presenças no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Global, 2001.
- CORRIENTE, F. *Romania Arabica: uma questão não resolvida de interferência cultural na Europa Ocidental*. Trad. por Michel Sleiman. *Signum*, n. 8, p. 81-91, 2006.
- CORRIENTE, F. *Diccionario de arabismos y voces afines en iberorromance*. 2. ed. ampl. Madrid: Gredos, 2003.
- DINIZ, A. G.; CADDAH, Y. I. Elementos de influencia árabe na arquitetura de Teresina. In: INSTITUTO CAMILO FILHO. *História da arte e da arquitetura no Piauí*. Teresina: ICF, 2005. p. 29-50.
- EL-MOOR, P. D. *O reconhecimento da presença árabe no Brasil na busca de uma identidade nacional*. Disponível em: <[http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307710146\\_ARQUIVO\\_TRABALHOCONLABPatriciaEl-moor.pdf](http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307710146_ARQUIVO_TRABALHOCONLABPatriciaEl-moor.pdf)>. Acesso em 15 out. 2010.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Apresentação de Fernando Henrique Cardoso. 51. ed. rev. São Paulo: Global, 2006.
- SOLER, L. *Origens árabes no folclore do sertão brasileiro*. Florianópolis: EDUFSC, 1995.
- SOUSA, F. B. de; MARANHÃO, S. de M. Arabismos europeus no português Brasileiro. *Cadernos de Letras da Universidade Federal Fluminense*. v. 26, n. 53, p. 61-81, 2016. Disponível em: <<http://www.cadernosdeletras.uff.br/index.php/cadernosdeletras/article/view/298/154>>. Acesso em 13 de janeiro de 2017.
- VARGENS, J. B. de M. *Léxico português de origem árabe: subsídios para os estudos de filologia*. Rio Bonito: Almádena, 2007.

**Solução do desafio dos arabismos:** sofá, almofadas, desembaraçada, alface, alfaça, berinjala, cenoura, espinafre, azeite, azeitonas, mesquinha, escabeche, arroz, gengibre, garfadas, almôndegas, sumos, laranja, limão, tamarindo, taças, jarras, sorvetes, açúcar, café, garrafa, azul, alpendre, afagaria, xadrez, recamar, oxalá.

---

### Samantha de Moura Maranhão

doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará, professora de Filologia Latina e Portuguesa na Universidade Federal do Piauí. [samanthamaranhao.com](http://samanthamaranhao.com). [samantha.ufpi@gmail.com](mailto:samantha.ufpi@gmail.com).